

Se fazer homem e se fazer mulher¹

To become a man and to become a woman

Aurélio Souza

Resumo

Para tratar de sexualidade, gênero e identidade, o autor considera o que se desenvolve na prática de uma análise em intensão e seu efeito na cena social. A revolução que Freud produziu não foi revelar um pansexualismo no humano, como muitas vezes se fala. Assim como Lacan, ele mostrou que, diferentemente do que acontece aos animais, a sexualidade que contempla o 'ser-de-linguagem-e-de-sexo' é precoce e não guarda nenhuma harmonia entre o homem e a mulher, determinando que não se nasce Homem ou Mulher. A partir dos anos 1970, Lacan propõe desenvolvimentos que aborda a partir de questões que serão respondidas ao longo do texto, tais como: Como se constitui a condição sexuada do 'ser-de-linguagem-e-de-sexo'? Como esse 'ser-de-linguagem-e-de-sexo' pode se fazer Homem ou se fazer Mulher? Do que se goza, nesses desencontros sexuais?

Palavras-chave: Sexualidade, Gênero, Identidade, Sujeito, Linguagem, *Lalíngua*, 'Outrossexo', Gozo, Posição sexuada.

Para tratar de sexualidade, gênero e identidade, vou considerar o que se desenvolve na prática de uma análise em intensão e seu efeito na cena social.

Diferentemente do mundo animal, que se desenvolve a partir dos instintos, as regras para uma conduta natural do sexo, o humano e, por extensão, o sujeito da psicanálise, ao ser contaminado e adoecido pela linguagem, paga seu preço.

Aqui, a questão da linguagem não se trata de uma estrutura simbólica que interessa aos linguistas, que se sustenta no signo e serve à teoria da comunicação. Lacan, já tendo trabalhado com o estruturalismo, com os objetos topológicos de superfície e elaborado a noção dos discursos, durante o seminário

O saber do psicanalista, produziu um lapso quando quis fazer uma crítica a Laplanche, um dos autores de um dicionário de psicanálise que havia sido publicado naquela época. Ao tentar nomeá-lo, se referiu a Lalande, autor também de um dicionário, mas um dicionário clássico de filosofia. Mas não perdeu a palavra diante desse ato e o tomou como um elemento operativo para o discurso analítico.

Assim, jogando com uma homofonia entre Lalande, Laplanche e *la langue* (*alíngua*), ele inventou o significante *lalangue*, escrito numa só palavra (LACAN, 1971). E logo em seguida lhe atribuiu o estatuto de estrutura para a psicanálise. Assim, num misto de tradução e transliteração, passou a designá-lo

1. Texto apresentado no XXII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, XXVI Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia: *Assim caminha a psicanálise: indagações do século XXI*. Salvador (BA), nov. 2017.

de *lalíngua*, para evitar a ambiguidade que a tradução por *alíngua* possa produzir.

Diferentemente da linguagem dos linguistas, *lalíngua* foi concebida como uma rede que contém letras e significantes que mantêm uma vizinhança topológica e que se tornam enriquecidos pela polifonia. Quando esse somatório de *lalíngua* atua sobre o humano, antes mesmo que seu organismo tenha sido engendrado e que vai até depois de sua morte, ele determina uma ‘perda’ radical e irreversível em sua estrutura. Algo que não se expressa de uma maneira empírica, como uma falta disso ou daquilo, mas que determina ‘uma falta de ser’, produzindo um sujeito que tem seu “im-mundo” construído por palavras e frases.

Essa estrutura determina diversos efeitos sobre o sujeito, entre os quais, abre esse buraco inaugural em sua existência, que irá fundar o campo do objeto na psicanálise, que Lacan denotou com a letra *a* minúscula, passou a nomeá-lo de “objeto pequeno *a*” e lhe atribuiu uma consistência do Real e uma condição de causa do desejo.

Lalíngua produz ainda no sujeito um tipo de antropia, uma espécie de negatificação da carne, que passou a ser identificada à noção do gozo. Algo que se expressa como uma satisfação que tende sempre a se repetir e, assim, em torno dessa questão, Freud elaborou a noção do *Mais além do princípio do prazer*.²

A partir dos anos 1970, Lacan equivaliu um efeito de *lalíngua* na psicanálise através de um objeto topológico que nomeou de cadeia borromeana, atribuindo-lhe o estatuto de estrutura.

A cadeia borromeana é formada por três anéis: o primeiro, representante do Simbólico, é sobremontado pelo segundo anel, re-

presentante do Real, que o toca em dois pontos e, por fim, o terceiro anel, representante do Imaginário, vem enlacá-los, passando por cima do que está por cima e por baixo do que está por baixo, sem que nenhum deles penetre no buraco dos outros dois.

Em seguida, escreveu no coração dessa estrutura o objeto *a*, como mais-gozar. Essa estrutura guarda algumas propriedades irreversíveis, entre as quais se destaca: se qualquer um dos anéis vier a ser separado da estrutura, os outros também se desligam, e ela se desfaz automaticamente.

Mais tarde, através de uma homeomorfia que estabeleceu entre o sujeito e o objeto *a*, veio definir o sujeito como “uma resposta do Real”, atribuindo-lhe o estatuto de uma função, no próprio sentido matemático do termo, determinando que ele ocuparia esse lugar no centro da cadeia borromeana. Nessa posição ele ganhava o atributo de um artesão responsável por produzir seu artesanato e, sobretudo, inventar o próprio saber inconsciente que o determina.

Assim, a partir desse efeito de *lalíngua*, a estrutura borromeana tornava-se capaz de produzir diferentes campos de gozo, que passavam a afetar de maneira permanente esse ser-de-linguagem-e-de-sexo, que teria que aprender a se defender desses efeitos devastadores desde cedo.

Como um corolário, esse sujeito de psicanálise, que é atributo do ensino de Lacan, passou a ser concebido, como um ser sem substância, sem sexo, sem idade e sem cor. Além disso, outra questão singular de sua existência é que, embora possa ter uma presença na cena social, ele só poderá ser identificado e avaliado, numa análise em intensão, quando se realiza sempre representado por um determinado significante, entre outros.

Dito de outra maneira, o sujeito, por ocupar essa estrutura borromeana, terá sua existência não mais condicionada por qualquer condição natural, assim como o corpo que passará a sustentá-lo tem sua evolução, sua forma, seus órgãos e suas funções mo-

2. Mais tarde, Lacan, em seu ‘retorno a Freud’, equivaliu essa ‘noção do gozo’ a algo herdado do direito romano, através dos verbos – *uti e frui* – formando a palavra usufruto, que passava a designar um direito de uso, ou mesmo, um direito de gozo, que se opõe a um direito de propriedade. Assim, ao se usar de um objeto em usufruto, deve-se ter alguma prudência e fazê-lo com limites, já que não se tem um direito jurídico de devastá-lo.

delados e organizados por esse somatório de *lalíngua*, expresso através da cadeia borromeana. Assim, o sujeito fica impossibilitado de estabelecer qualquer relação direta com objetos que circulam em suas realidades plurais, sobretudo perdendo a especificidade de um objeto que venha se adequar à sua escolha sexual.

Feitos estes comentários, a pergunta que não para de insistir é: Como se constitui a condição sexuada desse ser-de-linguagem-e-de-sexo?

Embora haja muitas respostas para essa questão, vou tomar partido para considerar que Freud, tendo fundado a psicanálise a partir de um antianatomismo essencial, desenvolveu uma teoria sobre a sexualidade através de uma “organização genital infantil”, em que a anatomia, embora não seja o destino, participava de alguma forma dessa condição. Dessa maneira, a revolução que ele produziu, não foi revelar um pansexualismo no humano, como muitas vezes se fala, mas procurou mostrar que, diferentemente do que acontece aos animais, a sexualidade que contempla o ser-de-linguagem-e-de-sexo é precoce e não guarda nenhuma harmonia entre o Homem e a Mulher.

Nessa elaboração freudiana, as posições sexuais passavam a obedecer a uma hipótese que levava em conta a presença de um bem comum a ser compartilhado por todos os humanos e que veio a ser designado de *phalus*. Embora ele tivesse considerado que o *phalus* não deveria manter nenhuma relação com o pênis, isso não deixou de ser levado em conta na bipartição dos sexos. Assim, estabeleceu uma lógica que se enunciou através de um *vel*, em que ou se tem o *phalus*, ou não se tem o *phalus*, para definir as posições do Homem e da Mulher, respectivamente.

Lacan, em seu retorno a Freud, na leitura que começou a fazer sobre a sexualidade, não estabeleceu de início, nenhuma objeção ao falocentrismo freudiano. No entanto, logo que se aproximou do estruturalismo, transmutou essa noção do *phalus*, concebendo-o

como um significante privilegiado, que se tornava um operador da dissimetria sexual. Ainda próximo à proposição freudiana, os termos dessa divisão sexual ficaram reduzidos a outra gramática, em que para o Homem, “ele só é desde que tenha o significante fálico”, enquanto para a Mulher, “ela só é, desde que não o tenha”.

Em seguida, passou a criticar o caráter unívoco dessa cópula que se expressa através do verbo ser, procurando estabelecer outros termos para essa bipolaridade. Cada sujeito deveria se definir como HOMEM ou MULHER, à medida que pudesse ser significado na posição de “ser o *phalus*”, ou “ter o *phalus*”.

Assim, para buscar sua identidade sexual, o filho ou a filha é convocado a abandonar a célula narcísea de sua relação com o “desejo da mãe”, deixando de ser um *phalus* imaginário ($-\phi$), para poder recebê-lo, sob o estatuto de um *phalus* simbólico (ϕ), que se torna um atributo do Pai: se para o Homem, “ele não o é, sem ter o *phalus*”, para a Mulher, “ela só é, desde que não o tenha”. Aqui se inaugura um paradoxo, pois ela também poderá tê-lo, sob a condição de um *phalus* destacado, em que o significante fálico (ϕ) se tornaria equivalente ao filho, ou a outros objetos que, por deslizamentos metonímicos, passariam a ocupar essa posição fálica.

Para a psicanálise, de início, embora cada ser-de-linguagem-e-de-sexo possa ser colocado a partir de uma “vocalização precoce” do sexo, de um lado ‘macho’, ou de um lado ‘fêmea’, para definir sua posição sexual, ele se mantém na dependência de dois significantes, que apontam para traços idealizados, em torno dos quais outros significantes vêm se articular, guardando uma condição que Lacan chegou a nomear de uma “segregação urinária” (LACAN, 1966). Algo que colocava cada sexo de seu lado, com os quais o sujeito passaria a se identificar, fazendo-se semblante de Homem ou de Mulher.

A partir destes comentários iniciais, como o ser-de-linguagem e de sexo pode se fazer Homem ou se fazer Mulher?

Para responder a essa questão, vou tomar partido e considerar que, em relação às ciências, no que diz respeito à sexualidade, quando se cai de um lado, é impossível passar para o outro lado, embora, na atualidade, já se possa mudar o fenótipo do humano, através de cirurgias, de próteses, de hormônios e adereços, entre outras intervenções.

Para a psicanálise, no entanto, algo importante ocorreu sobre essa divisão sexual, em torno dos anos 1970. Lacan aos poucos foi se afastando dessa gramática em torno do *phalus*, para instaurar uma bipartição desenvolvida a partir da prática da análise e que é independente dessa ‘vocação precoce’, ou mesmo da ‘fatalidade’ do vivente, de ter nascido macho ou fêmea. Ele nomeou essa divisão de “posições sexuadas”.

As condições que passavam a determinar essas “posições sexuadas” não correspondiam a uma questão da natureza, da anatomia, dos hormônios, da genética, mas a partir de uma lógica que Lacan encontrou, sobretudo, em Frege, e que identificou como uma “função proposicional”; uma condição que utilizava de quantificadores e da negação desses quantificadores para formalizar seu desenvolvimento.

Assim, Lacan utilizou o valor de uma função, que identificou como “*phi* de *x*” e que denotou com uma escritura (ϕx), tornando-a equivalente à própria noção da castração e como causa de manifestações de gozo que passariam a encaminhar o sujeito, para a posição de Homem ou de Mulher, a ser avaliadas e identificadas através de uma análise em intensão.

Portanto, não há interdições na medicina e no direito. Não há lei que impeça o sujeito a partir de efeitos do Real, de uma organização do Simbólico e ainda de certas “assembleias imaginárias”, a definir sua posição sexuada, independentemente da anatomia, da genética e mesmo de valores da cultura.

Dessa maneira, não é excessivo se perguntar, quais são os termos e os limites, que o sujeito poderá utilizar para definir qual po-

sição sexuada irá ocupar: o lado homem ou o lado mulher. Fazer essa escolha é de sua responsabilidade, não importa que o corpo que o sustenta tenha um semblante de homem ou um semblante de mulher. Portanto, não há para o sujeito, nenhuma condição física ou mental que possa situá-lo de início como homem ou como mulher. Assim, numa análise em intensão, cada analisante sob a função de sujeito será convocado a encontrar os caminhos que vieram determinar sua posição sexuada e seus efeitos na cena social.

Dito de outra maneira, não se nasce homem ou mulher. Como um corolário, a “identidade sexuada” do sujeito, não importa que seja sustentado por um corpo de macho ou de fêmea, vai se construir a partir de uma lógica proporcional que estará sempre, de início, subsumido à função fálica, “*phi* de *x*” (ϕx). Uma condição que se constrói através de uma proposição “universal afirmativa”, que se expressa por uma modalidade ‘possível’ (“aquilo que para de se inscrever”) e que se enuncia como “todo *x* é *phi* de *x*”. Um axioma que se matemiza por ($\forall x \phi x$).

Nessa proposição, todos os (*x*) são fálicos e, assim, o *phalus* vem se constituir no predicado unário dessa função, que determina uma primeira identificação do sujeito ao pai, que se realiza tanto para o sujeito que se sustenta num corpo de homem, como num corpo de mulher. Essa identificação primária instituída pela vigência de uma lei fálica delimita um tipo de gozo que se define como um “gozo fora corpo”.

De um ponto de vista lógico, no entanto, para que essa proposição “todo *x* é *phi* de *x*” tenha um valor de existência, é preciso que se inscreva uma exceção para ela, que haja um limite, desde quando “não existe universal que não tenha que se contentar com uma existência que a nega” (LACAN, 1973).

Por isso, para se assegurar o “todo” desse conjunto HOMEM, deverá existir pelo menos UM elemento que diga não a “*phi* de *x*”;

algo que se escreve através de uma proposição que se mostra a partir de uma modalidade necessária (“aquilo que não para de se inscrever”), que se torna equivalente à noção da castração simbólica à qual Lacan atribuiu o valor do pai da horda, como aquele “que não é castrado”. Essa condição que se enuncia como “existe um (x) , que não é ϕ de (x) ”, se matemiza como $(\exists x \cdot \overline{\phi x})$.

O traço sobre ϕ de x ($\exists x \cdot \overline{\phi x}$) corresponde, na teoria dos conjuntos, a uma maneira antiga de indicar a negação e se torna equivalente a uma magnitude negativa, que vai fundar a própria ordem simbólica, criando essa propriedade para que o sujeito possa *ex-sistir* no campo desse somatório de *lalín-gua*.

Essas duas escrituras vêm delimitar uma condição universal, estabelecendo que todos os seres sexuados, que participam desse conjunto fechado, satisfazem a função do *phalus* (ϕ de x) e ficam submetidos à castração. Uma condição lógica que promove um tipo de identidade sexuada, em que “homem e mulher é **HOMEM**”.

Além disso, essa condição estrutural vai proporcionar um tipo de gozo que é produzido pela própria vigência da Lei-do-Pai, decorrente desse atributo fálico, como um gozo fálico que se torna viril para estas duas posições: homem e mulher. Assim, esse LADO **HOMEM** da sexuação está subsumido a um discurso totalizador, que se nomeia de discurso ‘homemsexual’.

Para avançar na elaboração das “fórmulas quânticas da sexuação”, Lacan recorreu também a Gödel, que se referia à noção de uma incompletude em todo sistema, através do que chamou de “proposições indecidíveis”. Assim, essa proposição lógica vem produzir uma abertura no “conjunto **HOMEM**”, criando outra posição sexuada, identificada como a “classe das **MULHERES**”.

De uma maneira que se pode considerar até mesmo paradoxal, o gozo fálico cava um lugar, como uma falta de simbolização, na relação entre o homem e a mulher. Uma

condição vai servir de referência para a presença de outro tipo de gozo que afeta a ‘classe das mulheres’, em que cada uma delas, além do gozo fálico a que está subsumida, sofre o efeito desse outro tipo de gozo: um gozo do corpo. Uma condição que se expressa através de uma modalidade contingente (“aquilo que para de não se inscrever”) e que se mostra como uma suplência, como um “gozo não-todo fálico”. Essa condição lógica passa a ser enunciada como “não-todo x é ϕ de x ” e se matemiza com $(\forall x \cdot \phi x)$.

Essa escritura ($\forall x \cdot \phi x$) traz também uma aporia, pois cada mulher vai ocupar esse ‘outro lado’, sem realizar nenhuma exceção à função ϕ de x (Φx), permanecendo, assim, como não-toda subsumida à função fálica. Essa condição lógica, portanto, sinaliza que não existe um ‘todo’ universal, na ‘classe das mulheres’.

Isso traz consequências, pois a partir dessa proposição, já não há necessidade de uma exceção que venha assegurar sua *ex-sistência*. Esse fato vem determinar outra modalidade lógica: a do impossível (“aquilo que não para de não se inscrever”) e que se enuncia através do axioma “não existe x , que diga não a ϕ de x ” e que é matemizada por $(\exists x \cdot \overline{\phi x})$.

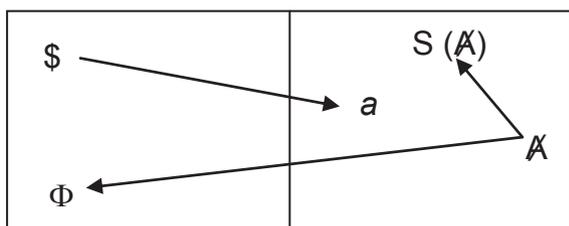
Essas duas fórmulas que formalizam a ‘classe das mulheres’ trazem também suas consequências. Em primeiro lugar, desde que não existe uma exceção para ela, isso não pode afirmar sua existência. E, assim, Lacan pôde enunciar outro axioma, que se tornou emblemático em seu ensino: “a Mulher não existe”. Em segundo lugar, essas duas escrituras possibilitam outro discurso, que veio a ser nomeado de discurso do ‘outrossexo’. Uma condição discursiva que submete cada Mulher a um “gozo suplementar”, que se expressa como um “gozo do corpo”, um gozo do ‘outrossexo’, como um gozo não-todo fálico, que constrói uma série de impossibilidades e de paradoxos entre os seres sexuados.

Tais escrituras, que compõem as fórmulas da sexuação, trazem ainda outras proprieda-

des essenciais para a prática e para a teoria na psicanálise.

$$\begin{array}{l} \exists x \cdot \overline{\phi x} \\ \forall x \phi x \end{array} \qquad \begin{array}{l} \overline{\exists x \cdot \phi x} \\ \overline{\forall x \cdot \phi x} \end{array}$$

Após elaborá-las a partir da análise em intensão, Lacan procurou inferir suas implicações no campo social, através de um esquema que vinha revelar seus efeitos determinantes sobre as relações que se desenvolvem entre o homem e a mulher.



Mantendo as posições das escrituras anteriores, considerou à esquerda, o lado Homem. Nessa posição, o sujeito (\$) entra no jogo para participar de seus desencontros sexuais, suportado por um significante que o representa, o significante do *phallus* (Φ) e, dessa maneira, subsumido à castração, procura no outro lado, \overline{A} Mulher.

Nessa posição, normatizado nos termos da Lei-do-Pai e independentemente do gênero, em relação ao corpo que o suporta, seja corpo de Homem, seja corpo de Mulher, que o sujeito é o objeto *a*, como causa do desejo; algo que se mostra a partir de pedaços do Real que se recobrem com diferentes adornos, em suas realidades plurais, com semblante de Mulher.

Por isso mesmo, cada vez que o sujeito acredita ter encontrado o objeto que causa seu desejo será sempre um encontro faltoso, pois o objeto encontrado corresponde não àquele que é buscado, mas a um semblante do objeto.

A partir dessa impossibilidade lógica e topológica de encontrar o objeto desejado e ainda sofrendo as consequências de sua posição como desejante, o sujeito se mantém sob

uma condição de pura negatividade e passa a “se fazer de objeto”, a se fazer um semblante de objeto, para de uma maneira ilusória, ser gozado pelo Outro.

Quanto ao lado direito do esquema, o lado da Mulher, uma primeira condição que se pode inferir é que “ \overline{A} -Mulher” é encontrada como um objeto, o objeto *a*, causa do desejo. Nessa posição, por se encontrar no foco dessa condição desejante e embora possa exercer a condição de sua feminilidade, ela sofrerá em contrapartida um efeito devastador que o desejo lhe proporciona, pois nesse lugar, ela não poderá falar de seu valor de mulher, desde quando se encontra aí, como semblante de objeto e, de uma forma também ilusória, a ser gozada pelo Outro.

Ainda de uma maneira que se pode também considerar como paradoxal, ela poderá desenvolver uma condição que metaforiza sua relação com a castração, quando se dirige ao lado HOMEM, em busca do *phallus*, com o qual poderá se identificar. E, assim, apoiando-se sobre esse semblante fálico, desenvolverá uma atitude de ‘mascarada’, podendo se tornar mais ‘viril’ que o homem.

Outra consequência essencial dessa condição fálica e desejante, é que o sujeito ficará sempre na impossibilidade de gozar do corpo da Mulher, em suas práticas sexuais, já que só poderá encontrá-la como um semblante de objeto *a*. Assim, pode-se considerar que o gozo fálico é o preço para o fracasso de seus desencontros sexuais.

Diante dessa impossibilidade de gozar do corpo da Mulher, de uma maneira paradoxal, o sujeito procura ‘se fazer signo’ para ser amado e poder amar, posicionando-se no lugar do ‘outrossexo’, onde (embora possa se vestir com diferentes paramentos, não importando com que diversidade de gênero se apresente – homo, hetero, trans, assexual, entre muitas outras) ele só terá esta polaridade para gozar: como Homem ou como Mulher.

A partir da escritura das fórmulas da sexualização, que institui sempre dois lugares, dois discursos e, em consequência disso, as

duas maneiras de o sujeito experimentar essas condições de gozo – fálico e do corpo, ou do ‘outrossexo’ –, Lacan enunciou a impossibilidade de se escrever uma relação entre o Homem e a Mulher, isto é, “não há relação sexual”.

No entanto, mesmo que essa proporção sexual não possa se escrever entre o Homem e a Mulher, Lacan sugeriu que o ato sexual e o amor poderiam unir, de uma forma ilusória e imaginária, os dois sexos. Todavia, para que isso possa se realizar, será necessário que o sujeito se faça signo à sua parceira, ou a seu parceiro, declarando com que semblante ele se mostra: o lado Homem ou o lado Mulher, independentemente do gênero a que pertence na realização desse ato.

Considerando-se o que se desenvolve numa psicanálise em intensão, em que todo ato é significativo, como um corolário, o ato sexual entre o Homem e a Mulher só poderá se realizar através dos próprios significantes, que passam a copular. Aqui, no entanto, coloca-se outra aporia em torno da realização desse ato, devendo-se considerar, como uma condição necessária para esse encontro, que os dois gozos – o fálico e o do corpo (ou do ‘outrossexo’) – possam se transformar num único gozo, para cada parceiro. No entanto, pela alteridade estrutural, lógica e topológica, que os dois discursos mantêm na produção desses gozos, essa união é impossível de se realizar.

Embora de um ponto de vista imaginário seja possível manter práticas sexuais genitais com a diversidade de gêneros que se possa inferir, não existe o “ato sexual” nessa condição discursiva da prática analítica: “não há ato sexual”.

Assim, nessa divisão sexuada, que afeta esse ser-de-linguagem-e-de-sexo, uma pergunta que não para de insistir é: Do que se goza nesses desencontros sexuais?

Em primeiro lugar, de um gozo do *phalus*. Esse significante primordial que possibilita um gozo ‘fora-corpo’, um gozo que, embora não convenha, é o mais próximo, de um

ponto de vista do Imaginário, àquele que fica subsumido ao discurso heterossexual, independentemente de qual seja o sexo anatômico ou de gênero (LACAN, 1973) que sustente o sujeito nessa posição, que o mantém desejante e que possa amar esse ‘outrossexo’, que tem seu representante e signo em \bar{A} -Mulher.

Em segundo lugar, seria ilusório acreditar que se goza do corpo do outro, de que se goza do ‘outrossexo’, guardando-se essa suposição de que é possível fazer o Outro gozar.

Por fim, o que é fundamental e invariante, em torno da questão da sexuação, é que nos desencontros sexuais que tendem a se realizar como atos sexuais, cada ser-de-linguagem-e-de-sexo só experimenta o gozo no corpo que o sustenta já que todo gozo, em sua essência, é sempre autoerótico.

Algumas considerações ainda poderiam ser elaboradas; no entanto, por um rigor com o tempo, vou encerrar minha apresentação, agradecendo a oportunidade de mais uma vez participar dos trabalhos do Circulo de Psicanálise da Bahia. Obrigado.

Abstract

To deal with Sexuality, gender and identity, the author considers what happens in the practice of an Analysis in Intent and its effect on the social scene. The revolution that Freud produced was not to reveal a pansexualism in the human, as is often said. Like Lacan, he showed that, unlike what happens to animals, the sexuality that contemplates the being-of-language-and-of-sex is precocious and does not keep any harmony between Man and Woman determining that one is not born Man or Woman. From the seventies, Lacan proposes developments that the author approaches from questions that will be answered throughout the text, such as: How does the sex-condition of being-of-language-and-of-sex constitute? How can this being-of-language-and-of-sex become a Man or become a Woman? What do someone enjoy in these sexual mismatches?

Keywords: *Sexuality, Gender, Identity, Subject, Language, Língua, Othersex, Enjoyment, Sexed position.*

Referências

LACAN, J. L'Étourdit. *Scilicet*, n. 4, Paris: Seuil, 1973.

LACAN, J. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 499-500.

LACAN, J. Seminaire. *Le savoir du psychanalyste* (1971-1972). Aula de 04 nov. 1971. Documento interno da Association Lacanienne Internationale.

Recebido em: 13/12/2017

Aprovado em: 18/12/2017

Sobre o autor

Aurélio Souza

Autor do livro *Os discursos na psicanálise* (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008). Fundador e Psicanalista do Espaço Moebius (Salvador/BA), instituição de psicanálise sem fins lucrativos, que se pauta nos ensinamentos de Freud e Lacan. É um dos principais nomes da psicanálise na América do Sul e na França.

Endereço para correspondência

E-mail: <aureliosouza@terra.com.br>